

UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA MARIA
UNIVERSIDADE ABERTA DO BRASIL
CENTRO DE TECNOLOGIA
CURSO DE ESPECIALIZAÇÃO EM MÍDIAS NA EDUCAÇÃO

Jairo Luis Torres

**VÍDEO: AS POTENCIALIDADES DESTE RECURSO COMO
FERRAMENTA PEDAGÓGICA**

Sant'Ana do Livramento, RS
2017

Jairo Luis Torres

**VÍDEO: AS POTENCIALIDADES DESTE RECURSO COMO FERRAMENTA
PEDAGÓGICA**

Artigo de conclusão de curso apresentado ao curso de Especialização em Mídias na Educação (EaD), da Universidade Federal de Santa Maria (UFSM, RS), como requisito parcial para obtenção do título de **Especialista em Mídias na Educação.**

Orientadora: Gilse Antoninha Morgental Falkembach

Sant'Ana do Livramento, RS
2017

Jairo Luis Torres

**VÍDEO: AS POTENCIALIDADES DESTE RECURSO COMO
FERRAMENTA PEDAGÓGICA**

Artigo de conclusão de curso apresentado ao curso de Especialização em Mídias na Educação (EaD), da Universidade Federal de Santa Maria (UFSM, RS), como requisito parcial para obtenção do título de **Especialista em Mídias na Educação.**

Aprovado em 20 de outubro de 2017

Gilse Antoninha Morgental Falkembach, Dra. (UFSM)
(Presidente/orientador)

Alencar Machado, Dr. (UFSM)

Catherine de Lima Barchet, Ms, (UFSM)

Sant'Ana do Livramento, RS
2017

Vídeo: as potencialidades deste recurso como ferramenta pedagógica¹

Video: the potential of this resource as a pedagogical tool

Jairo Luis Torres²

Gilse Antoninha Morgental Falkembach³

RESUMO

Este trabalho analisa o desempenho dos alunos do sexto ano dos anos finais do ensino fundamentada Escola Municipal de Assentamento Roseli Nunes, localizada na zona rural. O trabalho se refere a utilização do vídeo como ferramenta de aprendizagem. A análise utilizada foi qualitativa e o método abordado foi o comparativo. A revisão bibliográfica ofereceu subsídios para a confirmação de alguns resultados obtidos a campo e também orientou na elaboração da conclusão desta pesquisa.

DESCRITORES: Vídeo no contexto escolar; Ferramentas pedagógicas; Escola de assentamento.

ABSTRACT

This work analyzes the performance of the sixth grade students of the final years of elementary school at the Roseli Nunes Municipal School of Settlement, located in the rural zone. The work refers to the use of video as a learning tool. The analysis used was qualitative and the method used was the comparative one. The bibliographic review provided support for the confirmation of some results obtained in the field and also guided in the elaboration of the conclusion of this research.

KEY WORDS: Video in the school context; Pedagogical tools; School of settlement

¹ Artigo apresentado ao Curso de Especialização em Mídias na Educação da Universidade Federal de Santa Maria, como requisito parcial à obtenção do título de Especialista em Mídias na Educação.

² Aluno do Curso de Especialização em Mídias na Educação da Universidade Federal de Santa Maria.

³ Professora Orientadora, Doutora, Universidade Federal de Santa Maria.

1. INTRODUÇÃO

Este trabalho foi desenvolvido na Escola Municipal de Assentamento Roseli Nunes como requisito parcial à obtenção do título de Especialista em Mídias na Educação.

A Escola Roseli Nunes, conforme consta no seu Projeto Político Pedagógico está localizada na zona rural Upamaroty, próximo ao marco do Itaquiatiá - Santana do Livramento-RS. Possui uma área de 391 m², com 200 m² construído ficando o restante para o pátio de recreio, jardim, pomar e horta. A parte construída é formada por uma casa central, onde se encontra a sala da direção e secretaria, banheiro, biblioteca, cozinha, refeitório e três salas de aula.

Em outra instalação, em separado da casa central de alvenaria, funcionam duas salas de aula e um banheiro, também existem mais quatro dependências. Esta escola atende a 62(sessenta e duas) famílias de assentados nessa localidade, e quatro famílias de antigos proprietários na região. Sua clientela abrange alunos do pré-escolar ao 9º ano do ensino fundamental, num total de 63 alunos.

A utilização do vídeo⁴ na sala de aula aparentemente é uma atividade corriqueira no dia a dia dos educadores. Raros são os professores que em algum momento não se utilizaram deste recurso. No entanto, no decorrer deste trabalho, percebeu-se pela pesquisa bibliográfica toda a complexidade que envolve a utilização do vídeo de forma significativa⁵, como recurso didático.

De forma resumida, pode-se dizer que toda a atividade com este recurso de mídia passa necessariamente por duas etapas: planejamento e capacitação do professor no uso dessa ferramenta.

Assim, esta pesquisa teve como objetivo analisar o desempenho dos alunos de uma escola municipal de assentamento, localizada na zona rural do município de Santana do Livramento. A pesquisa foi caracterizada como descritiva de abordagem qualitativa e método comparativo.

A pesquisa bibliográfica foi dividida em três unidades, sendo que a primeira trata da tecnologia como desafio na prática do docente. A segunda aborda o tema vídeo

⁴Um vídeo é uma sucessão de imagens, geralmente acompanhadas de sons, apresentadas a um determinado ritmo.

⁵ Segundo David Ausubel (apud Moreira, 2006), “é um processo pelo qual uma nova informação se relaciona, de maneira substantiva (não literal) e não arbitrária, a um aspecto relevante da estrutura cognitiva do indivíduo”

como recurso didático. A terceira unidade traça, as considerações sobre o vídeo na sala de aula, em que de certa forma complementa o que é tratado nas duas unidades anteriores. Na seção resultados e discussões, está descrito em gráficos e uma tabela, os resultados das ações de campo, em que nas discussões são levantadas algumas questões que ajudam a entender os resultados obtidos.

Por último, na conclusão, se registrou que a maioria dos professores alguma vez na sua prática docente utilizou o vídeo como recurso didático na sala de aula. Também se percebeu que falta ainda capacitação dos professores para o uso adequado desse recurso didático. Por fim, observou-se que a capacitação tecnológica e planejamento do uso do vídeo deveriam constar no Planejamento Pedagógico da Escola (PP).

2. REFERENCIAL TEÓRICO

2.1 A TECNOLOGIA COMO DESAFIO NA PRÁTICA DO PROFESSOR

Os avanços tecnológicos das mídias de comunicação de massas estão cada vez mais presentes na sociedade do século XXI. Na atualidade, encurtaram-se as distâncias e a interatividade. Esta última mesmo em escala global é realizada em tempo real. Nesse contexto de instantaneidade na circulação das informações e do conhecimento, nota-se a popularização das mais diferentes mídias da moderna tecnologia, estabelecendo-se assim, uma rede global de comunicação de massas.

Assim nesse mundo globalizado e diante da complexidade crescente de tarefas que envolvem informação, conhecimento e tecnologia, faz-se necessário que se reflita sobre o processo educativo. Desse modo, a demanda educativa deixou de ser exclusividade apenas dos meios tradicionais de ensino e aprendizagem, tendo em vista a necessidade dos indivíduos estarem continuamente se atualizando no competitivo mercado de trabalho e ou ativos na sociedade.

Nesse contexto da atual sociedade do conhecimento, a instituição escolar deve cuidar que “[...] o aluno deve ver na escola um espaço onde lhe é aberto o futuro e nunca uma iniciação dolorosa e de utilidade duvidosa.” (GOMES, 2014, p. 19). Considerando a realidade sempre progressiva dos avanços tecnológicos, o professor deve refletir na sua prática profissional que nem sempre as ferramentas mais simples e ou tradicionais possam estar ultrapassadas, como se pode verificar no texto de José Ferreira Gomes.

Conta-se a história de que, nos primórdios da exploração espacial, a NASA terá gasto milhões em investigação para produzir uma esferográfica que pudesse ser usada em gravidade zero. Tal como com as velhas canetas de tinta permanente ou com as primitivas penas de pato, todos temos a experiência da falha de esferográficas quando estamos em posições menos comuns porque a tinta deixa de correr por gravidade até à pequena esfera que rola sobre o papel. Finalmente, terão encontrado uma solução *high-tech* que não agradou muito aos astronautas por ser demasiado volumosa. Assim ficamos até que alguém notou que os soviéticos pareciam ter uma solução diferente, um simples lápis de grafite que ninguém considerara como alternativa no maravilhoso mundo novo da investigação espacial. (GOMES, 2014, p.17)

Por outro lado, quando se pensa sobre a inclusão e o uso de tecnologias na sala de aula, Milena de Jesus Nunes em seu trabalho de conclusão da graduação argumenta que:

A dificuldade ao trabalhar com essas tecnologias não está só na visão retrógrada que as escolas ainda detêm, mas também na preparação deficitária de muitos professores para utilizar certos recursos. Para além da falta de habilidade em desenvolver certas atividades educativas, há ainda a visão de que os recursos tecnológicos modernos são tão preciosos que não podem ser acessados de modo mais generalizado. (NUNES, 2009, p.28)

Ainda que uma das dificuldades seja a falta de capacitação dos professores no uso das tecnologias na sala de aula, mesmo assim deve se insistir na modernização do ensino. Desse modo os educadores poderiam acompanhar os jovens no universo tecnológico em que eles estão constantemente conectados. Isso implicaria em uma educação dinâmica em constante (re) construção dos saberes. O jovem da atualidade em geral tem como característica, a curiosidade em relação à tecnologia, ao novo. Em função disso, concorda-se com Marc Prensky quando faz uma análise do uso da tecnologia em sala de aula, em que afirma:

A tecnologia atual, no entanto, oferece aos alunos todos os tipos de ferramentas novas e altamente eficientes para que possam aprender sozinhos – desde a Internet com todo tipo de informação para procurar e ferramentas de busca para descobrir o que é verdadeiro e relevante, até ferramentas de análise que permitem dar sentido à informação, as ferramentas de criação que trazem resultados de busca em uma variedade de mídias, ferramentas sociais que permitem a formação de redes sociais de relacionamento e até de trabalho de modo a colaborar com pessoas do mundo inteiro. E enquanto o professor poderia e deveria ser um guia, a maior parte dessas ferramentas é usada pelos alunos com melhor desenvoltura, e não, pelos professores. (PRENSKY, 2010, p.202-203)

Ainda de acordo com Prensky (2010), a introdução física da tecnologia em si na sala de aula, não se traduz em resultados positivos. Isso acontece porque muitos

professores sentem-se frustrados e resistentes por terem que aprenderem o uso destes recursos e, além disso, verifica-se a banalização do uso das mídias móveis pelos alunos.

Esse conjunto de fatores não contribui para uma renovação pedagógica em consonância com a tecnologia, como recurso de apoio na aprendizagem.

Por outro lado, a responsabilidade de formação dos educadores deveria ser de iniciativa do Estado, o que na prática não acontece com efetividade necessária para preencher essa lacuna na formação dos professores.

Diante deste cenário, deve se considerar que esse processo de qualificação apresenta inúmeros contratemplos. A falta de tempo, por exemplo, resultante da carga horária excessiva, que o professor assume para aumentar a sua renda, como forma de compensar o baixo salário. Outro aspecto seria a falta de políticas educacionais efetivas voltadas para formação tecnológica. Nesse sentido, concorda-se com a observação de João Pedro da Ponte, em que o autor afirma:

Integração é a ideia-chave no que respeita às TIC. Por um lado, estas tecnologias devem estar plenamente integradas nas instituições educativas, dispondo alunos, docentes e professores cooperantes de condições de acesso facilitado e de frequentes oportunidades de formação. Por outro lado, as TIC devem estar plenamente integradas na atividade de ensino-aprendizagem, ao nível dos saberes disciplinares é transdisciplinares. Por outro lado, ainda, os futuros professores devem ser capazes de tirar partido das TIC no planeamento e na realização de situações de ensino-aprendizagem, integrando-as numa perspectiva curricular coerente. As TIC devem ter um papel importante na prática pedagógica, cabendo à instituição de formação um papel importante no apoio às escolas cooperantes e na formação dos seus docentes para que constituam exemplos de boas práticas em todos os campos, incluindo o uso das TIC. (PONTE, 2002, p.9)

Nesse contexto, embora se viva em uma sociedade do conhecimento e da informação, as deficiências estruturais, logísticas, e tecnológicas fazem parte da realidade do sistema educacional brasileiro. Esse fenômeno acontece principalmente na educação pública infantil e no ensino fundamental, tendo em vista que estes níveis de escolaridade são responsabilidades dos municípios.⁶

Por outro lado, considerando a centralização dos recursos econômicos na União e com um retorno injusto para os municípios, dentro de um sistema vertical de distribuição, deduz-se, por exemplo, porque raras são as escolas dotadas de um laboratório de informática em boas condições de uso.

⁶Para o professor Joaquim Soares Neto, que dá aulas na Universidade de Brasília (UnB) e foi presidente do Inep entre 2009 e 2011, as deficiências na infraestrutura das unidades estão vinculadas ao fato de a responsabilidade da manutenção e da melhoria física das escolas cair no colo exclusivamente das redes estaduais e municipais.

Ainda assim, quando existe um laboratório de informática em uma escola, ou têm-se problemas com a falta ou deficiente acesso à rede de Internet ou há falta de pessoal técnico para a manutenção das máquinas.

Soma-se a isso, a já mencionada falta de qualificação da maioria dos professores para trabalhar de forma significativa e integrada com as tecnologias aplicadas à educação. Para mais além, tem-se a complexidade do computador que exige do usuário um constante aperfeiçoamento na sua utilização. Este é uma ferramenta multifacetada, sendo que a pesquisa, reprodução e exibição de vídeos são apenas partes das diversas potencialidades educativas que estes recursos possibilitam.

Nesse contexto, concorda-se com a ponderação de José Armando Valente, autor do trabalho Pesquisa, comunicação e aprendizagem com o computador, em que ele aponta que:

As “Novas Tecnologias usadas na Educação” – que já estão ficando velhas! – deverão receber um novo incentivo com a possibilidade de junção de diferentes mídias em um só artefato: TV, vídeo, computador, Internet. Estamos assistindo ao nascimento da Tecnologia Digital, que poderá ter um impacto ainda maior no processo ensino-aprendizagem. Será outra revolução que os educadores terão que enfrentar, sem ter digerido totalmente o que as Novas Tecnologias têm para oferecer. E a questão fundamental é recorrente: sem o conhecimento técnico será possível implantar soluções pedagógicas inovadoras e vice-versa? E sem o pedagógico os recursos técnicos disponíveis serão adequadamente utilizados?(VALENTE, 2005, p.1)

Existem diferentes formas de aplicação da tecnologia na educação e que desafiam a pedagogia a usá-las na aquisição de conhecimentos. Para que isso aconteça é necessário que o professor consiga aliar os conhecimentos técnicos com o seu saber pedagógico, de modo que possa ser construído um novo caminho para um ensino integrador de tecnologia/didática na sala de aula.

Para enfrentar esse desafio, o professor além do conhecimento sobre as tecnologias, deve pensar que é necessária uma nova abordagem na ação educativa, sob pena de que mesmo com a introdução das tecnologias na sala de aula, esta continue em dicotomia com a sociedade digital da atualidade.

Mesmo com tantas possibilidades oferecidas pelas tecnologias digitais modernas, equipamentos mais antigos como o leitor de DVD, o antigo vídeo cassete e a televisão, ainda oferecem potencialidades de construção do conhecimento na sala de aula.

Cabe salientar ainda, que a questão da formação e ou capacitação dos professores, ainda continua sendo uma dificuldade diante desses recursos mais antiga. Para utilizar um vídeo especificamente como recurso pedagógico, é preciso planejá-lo com uma didática adequada para que se dê a aprendizagem significativa.⁷

Nesse contexto, a escola do campo, mesmo que não tenha os recursos digitais modernos, deve procurar formas criativas de inserção dos alunos na sociedade do conhecimento. Deve ser uma meta de a escola preparar o aluno do campo, para tomar consciência de si mesmo, enquanto sujeito da sua própria história e também da realidade na qual vive e estabelece laços sociais, econômicos e culturais. Nesse sentido o uso de vídeos representa um importante recurso que pode ser utilizado no processo de aprendizagem.

Assim, considerando o progresso da tecnologia e da potencialidade do seu uso na educação, percebe-se até aqui algumas dificuldades para que se possa dar salto de qualidade na educação. O uso das mídias aplicadas na sala de aula depende da competência dos professores aliarem a sua didática com as potencialidades das tecnologias.

Faz-se necessário para isso, o conhecimento técnico e pedagógico, buscando elaborar estratégias criativas para facilitar a aprendizagem e a construção dos saberes com os alunos.

É preciso ainda, que os professores reflitam sobre o que é tecnologia e observem sua própria realidade, pois muitas os recurso estão ali e não são percebidos. Nesse, sentido, muitas vezes equipamentos como TV, rádio, DVD por já fazerem existirem ali (na escola) há muito tempo e pelo deslumbramento com as tecnologias digitais modernas, hoje sintetizadas pela Internet, estes são subutilizados.

Assim, é preciso pensar dentro da escola, sobre a dialética da educação e que o conhecimento está em constante (re) construção, assim como os meios de (re) produção dos saberes.

2.2 O VÍDEO COMO RECURSO NA SALA DE AULA

⁷Aprendizagem significativa é aquela em que ideias expressas simbolicamente interagem de maneira substantiva e não arbitrária com aquilo que o aprendiz já sabe. Substantiva quer dizer não literal, não ao pé-da-letra, e não arbitrária significa que a interação não é com qualquer idéia prévia, mas sim com algum conhecimento especificamente relevante já existente na estrutura cognitiva do sujeito que aprende. Esta descrição da Teoria de Aprendizagem Significativa está baseada na obra mais recente de David Ausubel, *The acquisition and retention of knowledge: a cognitive view*, publicada, em 2000

Apesar da demonstração de entusiasmo dos professores e também da sociedade de um modo geral, pelo fato da informática estar presente no cotidiano das pessoas, ferramentas como a do vídeo (vídeo, uma gravação de sons e imagens em movimento), ainda não estão ultrapassadas. Pode-se dizer que ainda não foram sequer exploradas em toda a sua potencialidade. Vale ponderar também, que o conjunto televisão/reprodutor de vídeos e ou filmes, são recursos relativamente fáceis de serem encontradas em uma escola, ainda que seja na zona rural.

Nas localidades rurais, principalmente dos municípios mais afastados das grandes cidades, geralmente os recursos tecnológicos são mais escassos e o acesso a Internet é bastante limitado, apesar dos avanços da tecnologia digital no campo⁸

Assim considerando a potencialidade do uso do vídeo, como recurso didático áudio visual, percebe-se pelo apontamento de Monica Mandarino em seu trabalho *Organizando o Vídeo em Sala de Aula*, algumas reflexões muito importantes para serem analisadas pelos educadores quando da iniciativa do uso do vídeo na sala de aula, em que a autora diz que.

Sabemos que o vídeo ou a televisão, por si só, não garantem uma aprendizagem significativa. A presença do (a) professor (a) é indispensável. É ele/ela, com sua criatividade, bom senso, habilidade, experiência docente, que deve ser capaz de perceber ocasiões adequadas ao uso do vídeo. No entanto, criatividade, bom senso, experiência, não surgem do nada. A sociedade contemporânea é caracterizada pela multiplicidade de linguagens e por uma forte influência dos meios de comunicação. É preciso que o professor entenda as linguagens do cinema, da TV e do vídeo e que possa identificar suas potencialidades e peculiaridades. O professor precisa estar preparado para utilizara linguagem audiovisual com sensibilidade e senso crítico de forma a desenvolver, com seus alunos, uma alfabetização audiovisual. (MANDARINO, 2002, p.2)

Para muitos professores, o senso comum é que a Internet, com suas redes sociais, estaria dominando a atenção dos jovens e quiçá dos adultos. Estes mecanismos virtuais de comunicação têm o poder de levar os seus usuários a uma falsa sensação de protagonismo, o que na realidade não se efetiva.

Observando as redes sociais, preferidas por jovens e adultos, percebe-se nas postagens a predominância do que poderia se denominar de individualismo coletivo. Ou seja, é um espaço onde não há diálogo e ou construção de conhecimento, salvo as raras exceções.

⁸**Internet no Campo** Disponível em< <http://www.agronovas.com.br/internet-no-campo/>>Acesso em: 25. jun.2017

Predomina a superficialidade dos diálogos, alguns infantis outros improdutivos, outros ainda reproduzem clichês de terceiros, outros compartilham conteúdos sem verificação de fontes, o que em alguns casos pode ser perigoso do ponto de vista ético e legal. As exceções são as comunidades e os grupos específicos.

Nesse contexto, os professores precisam refletir sobre a influência da Internet sobre outras mídias. Esse fenômeno é reconhecido na sala de aula, pela observação dos alunos, geralmente estão constantemente conectados com as mídias digitais via celular. Essa ocorrência na sala de aula, apesar de comum, indica a janela pela qual o aluno vê o mundo.

Isso de certa forma influencia animicamente os professores quanto à possibilidade do uso do vídeo, recurso limitado em comparação com a Internet.

Assim concorda-se com os autores do trabalho, O vídeo educativo: aspectos da organização do ensino, Agnaldo Arroio e Marcelo Giordan onde afirmam que:

Antes de exibir o vídeo é importante que o professor se aproprie do material, assistindo o vídeo antes para conhecê-lo, verificar a qualidade da cópia, o som, deixando o vídeo no ponto de exibição. O professor inicialmente deve realizar a desconstrução e reconstrução do produto audiovisual para então se posicionar como mediador da negociação dos significados na sala de aula. A exibição do vídeo depende da atividade proposta. Pode ser mais indicado exibir todo o material, ou não, utilizando apenas trechos que sejam relevantes para o desenvolvimento da atividade planejada pelo professor. A seleção dos trechos pode ser feita simplesmente pela montagem, ou seja, marcando o tempo dos trechos selecionados, ou ainda modificando e editando material selecionado com o auxílio do videocassete. As duas maneiras permitem o professor criar um novo material, mais adequado à sua realidade e de acordo com as atividades planejadas. (ARROIO e GIORDAN,2006,p.05)

Considerando ainda os autores, deve-se pensar o vídeo como uma produção cultural que traz recorte de uma realidade específica, junto com toda uma simbologia daquele contexto, possível ou não de ser interpretada pelos alunos. Além disso, o áudio visual comunica com muito mais eficiência e por diversos caminhos do inconsciente humano. Por isso ao exibir um vídeo o professor deve ter em mente o perfil cultural da sala de aula, de forma que seja adequado ao nível cognitivo de construção e reconstrução dos saberes da turma naquele momento.

Desse modo, existe a possibilidade do professor editar o vídeo, adaptando-o aos seus objetivos pedagógicos ou mesmo, produzir um vídeoeducativo. Seguindo essa linha de raciocínio, pode se afirmar que:

A produção de vídeos digitais de curta duração tornou-se uma atividade muito popular nos dias de hoje. Páginas, que permitem assistir e/ou disponibilizar vídeos, estão entre as mais acessadas na Internet. Dentre os usuários mais interessados nesse tipo de atividade estão crianças e adolescentes, um público que crescentemente se identifica muito com esse tipo de mídia. (VARGAS, ROCHA e FREIRE, 2006, p.01)

A educação disputa espaços de interesses com as mídias de comunicação, em tese muito mais atraente para jovens e adultos. Isso acontece em função da diversidade de temas, possibilidades de lazer e da capacidade de interação em tempo real da tecnologia digital.

Um filme ou vídeo bem escolhido pelo professor é uma excelente oportunidade para a introdução de temas de complexa abordagem, pois carrega em si mesmo toda uma carga de emoções e sentimentos.

No entanto, admitindo que o recurso disponível seja o vídeo, é preciso atrair a atenção dos alunos percebendo que:

A utilização de vídeos na educação facilita a aproximação entre a realidade escolar e os interesses dos alunos. Vivemos um tempo em que as imagens assumem um papel de lazer com o qual a escola não pode competir. Porém, se ao contrário os professores utilizarem-se deste recurso junto a uma proposta de currículo integrado, parece-nos que a escola se tornará mais próxima da realidade dos alunos e conseqüentemente, mais interessante, para estes. (DALLACOSTA et al,2004, p.420)

Na mesma direção, tem-se a abordagem de Nair Pereira Figueiredo Cinelli na sua dissertação de mestrado em que a autora afirma:

A entrada do vídeo na sala de aulas, veiculando a linguagem audiovisual, vai obrigatoriamente colocar em articulação dois universos regidos por estruturas diversas, por vezes mesmo opostas: o do lazer, do prazer e o da aprendizagem, da razão. Nessa medida, parece-nos autorizado fazerem-se as seguintes indagações: qual o *status* que professor e aluno atribuem à utilização da imagem, e particularmente à linguagem audiovisual, no processo de aquisição de conhecimento. (CINELLI, 2003, p.17)

Em um mundo em constantes transformações políticas e econômicas, qualquer mudança mexe com a dinâmica comportamental da sociedade. As mudanças podem influenciar o modo de vida. Nesse cenário, as diversas mídias, são poderoso veículos de muita influência na construção e reconstrução de (pre)conceitos na sociedade atual e que se (re) produzem também na escola.

Assim sendo, se faz necessário repensar continuamente o trabalho educativo para além do uso das tecnologias, esse pensar deve abranger questões éticas e morais.

Quando se fala em de tecnologia na sala de aula, não se trata de apenas conseguir a atenção do aluno com a quebra da rotina da aula tradicional.

Didaticamente falando, deve-se através das tecnologias, proporcionar a oportunidade de aprendizagem dinâmica dentro das possibilidades estruturais disponíveis na escola. Com isso percebe-se que:

Para incorporar a TIC na escola, é preciso ousar, vencer desafios, articular saberes, tecer continuamente a rede, criando e desatando novos nós conceituais que se inter-relacionam com a integração de diferentes tecnologias, com a linguagem hipermídia, teorias educacionais, aprendizagem do aluno, prática do educador e a construção da mudança em sua prática, na escola e na sociedade. Essa mudança torna-se possível ao propiciar ao educador o domínio da TIC e o uso desta para inserir-se no contexto e no mundo, representar, interagir, refletir, compreender e atuar na melhoria de processos e produções, transformando-se e transformando-os. (ALMEIDA, 2005, p.5)

Para a ocorrência efetiva dessas condições deve ocorrer:

A promoção de uma educação de qualidade depende de mudanças profundas na sociedade, nos sistemas educacionais e na escola. Nesses dois últimos, exigem-se: condições adequadas ao trabalho pedagógico; conhecimentos e habilidades relevantes; estratégias e tecnologias que favoreçam o ensinar e o aprender; procedimentos de avaliação que subsidiem o planejamento e o aperfeiçoamento das atividades pedagógicas; formas democráticas de gestão da escola; colaboração de diferentes indivíduos e grupos; diálogo com experiências não formais de educação; docentes bem formados (que reconheçam o potencial do aluno e que concebam a educação como um direito e um bem social. ”(MOREIRA e KRAMER, 2007, p.1046)

Refletindo-se sobre essas afirmações, fica-se certo modo, autorizado a pensar sobre o papel das entidades mantenedoras das escolas, em nível municipal e estadual. Estas instituições gestoras são as responsáveis por subsidiar os educandários com todas as condições necessárias para um ambiente adequado de ensino aprendizagem. Nessas condições estão os prédios, mobílias, classes, cadeiras, livros e recursos tecnológicos como TV, DVD, laboratório de informática e os professores e funcionários, entre outras ferramentas tecnológicas.

Na prática, apesar de alguns avanços a situação da educação de modo geral, ainda permanece como se pode ver:

Nas grandes cidades, as salas de aula de tais escolas tem pouco espaço físico, são ruidosas, quentes e escuras, desencorajando qualquer outra atividade que não seja a aula tradicional. A arquitetura pobre e o mobiliário desconfortável e precário dificultam o trabalho intelectual de alunos e mestres. São instituições dependentes da administração central das redes escolares, em

contextos de forte dependência da burocracia cristalizada e das oscilações de quem estiver no poder. O professor encontra-se sobrecarregado com aulas em mais de um estabelecimento, falta-lhe tempo para estudar e experimentar coisas novas recebe baixos salários. Em tais escolas tenho encontrado pessoas ensinando matérias que não dominam, como também casos incipientes de alcoolismo e um semi-absenteísmo camuflado, com o professor evitando sempre que pode a sala de aula ou fazendo de conta que ensina, em parte resultado de um esgotamento profissional prematuro.(CYSNEIROS,1999,p.12)

Diante das precárias condições de trabalho encontradas na rede pública escolar, não é surpresa encontrar-se professores sem qualificação técnica para trabalhar com as tecnologias. Isso acontece também pela ausência de políticas públicas de valorização do professor, seja ofertando cursos de qualificação ou mesmo disponibilizando uma estrutura tecnológica adequada.

Contraditoriamente vale dizer que mesmo diante dessa realidade de precariedade, existem estratégias interessantes para o uso das TICs em sala de aula. Cursos como Especialização em Mídias da Educação, ofertado pela Universidade Federal de Santa Maria-RS permitem refletir sobre a questão tecnológica com um olhar diferenciado.

Disciplinas como O Uso do Rádio na Educação, TV e Vídeo no Currículo Escolar, Uso da Informática na Prática Pedagógica entre outras oferecem subsídios importantes para pensar o uso da tecnologia na sala de aula.

Partindo da hipótese que exista em uma escola, uma TV e um aparelho de DVD, um rádio, existem condições materiais para que o professor possa traçar estratégias de uso das TICs de forma significativa na sala de aula.

Pela revisão da bibliografia, percebe-se que o vídeo possui um grande potencial para ser utilizado como ferramenta educativa. Abre diversas possibilidades de contribuir para o processo de ensino e aprendizagem.

Nesse cenário, ainda o mais importante é o professor, este deve estar integrado com as mídias de forma aberta, no sentido de considerar todas as possibilidades criativas de seu uso no processo ensino aprendizagem.

2.3 CONSIDERAÇÕES SOBRE O USO DO VÍDEO NA SALA DE AULA

Ao analisar o uso do vídeo na sala de aula, o pesquisador José Manuel Moran elenca os usos inadequados em sala de aula:

a) Vídeo tapa-buraco: colocar vídeo quando há um problema inesperado, como ausência do professor. Usar este expediente eventualmente pode ser útil, mas, se for feito com frequência, desvaloriza o uso do vídeo e o associa - na cabeça do aluno - a não ter aula;

b) Vídeo-enrolação: exibir um vídeo sem muita ligação com a matéria. O aluno percebe que o vídeo é usado como forma de camuflar a aula. Pode concordar na hora, mas discorda do seu mau uso;

c) Vídeo-deslumbramento: o professor que acaba de descobrir o uso do vídeo costuma empolgar-se e passar vídeo em todas as aulas, esquecendo outras dinâmicas mais pertinentes. O uso exagerado do vídeo diminui a sua eficácia e empobrece as aulas;

d) Vídeo-rejeição: existem professores que questionam todos os vídeos possíveis, porque possuem defeitos de informação ou estéticos. Os vídeos que apresentam conceitos problemáticos podem ser usados para descobri-los junto com os alunos, e questioná-los;

e) Só vídeo: não é satisfatório didaticamente exibir o vídeo sem discuti-lo, sem integrá-lo com o assunto de aula, sem voltar e mostrar alguns momentos mais importantes. (MORAN, 1995, p.29-30)

Diante do exposto acima, o professor deve pensar que não basta apenas disponibilizar um vídeo para os alunos, pois:

Sabemos que o vídeo ou a televisão, por si só, não garantem uma aprendizagem significativa. A presença do(a) professor(a) é indispensável. É ele/ela, com sua criatividade, bom senso, habilidade, experiência docente, que deve ser capaz de perceber ocasiões adequadas ao uso do vídeo. No entanto, criatividade, bom senso, experiência, não surgem do nada. (IBID, 2002, p.2)

Mais adiante, o mesmo autor afirma que:

Por oferecer recursos vantajosos para o trabalho pedagógico vamos considerar o vídeo como o principal instrumento de trabalho com a linguagem audiovisual. Nesse sentido, gostaríamos de reafirmar e ressaltar sua importância no processo de ensino e aprendizagem. Vídeos têm a capacidade de mostrar fatos que falam por si mesmos, mas necessitam do professor para dinamizar a leitura do que se vê. [...]O vídeo só deve ser utilizado como estratégia quando for adequado, quando puder contribuir significativamente para o desenvolvimento do trabalho. Nem todos os temas e conteúdos escolares podem e devem ser explorados a partir da linguagem audiovisual. (IBID, 2002, p.3)

Na seqüência de seu trabalho, destaca-se mais uma importante contribuição do autor, no sentido de orientação para o uso do vídeo na sala de aula e que pode ser um excelente subsídio na hora em que o professor for planejar a sua aula, ele diz:

Ao analisarmos um vídeo é preciso verificar todas as suas potencialidades para o processo de ensino e aprendizagem. A partir desta análise é que se

torna possível a construção dos planos de aula. Destacamos a seguir alguns pontos a serem considerados no planejamento de uma aula com vídeo:

- Ao explorar um vídeo, devem-se fazer analogias com outras concepções, métodos, técnicas e resultados que já foram ou podem ser explorados em sala de aula;
- O vídeo pode ter a função de apresentar conceitos novos ou já estudados no sentido de motivar o aluno, despertar a curiosidade e interesse, além de transmitir as ideias básicas relacionadas com o conteúdo da aula;
- O vídeo deve ser complementado pela apresentação dos conceitos/conteúdos na forma textual. O texto pode ser mais linear, detalhado e acrescido de exercícios de fixação e aplicação. Vídeos e textos devem se complementar mutuamente;
- O vídeo tem a capacidade de aproximar o conhecimento científico do cotidiano, fazendo com que algumas concepções do senso comum passem a se fundamentar nas ciências;
- A dinâmica e o tempo de aula devem ser bem planejados, pois o uso do vídeo pressupõe sempre a atuação do professor;
- O vídeo pode ser usado como instrumento de leitura crítica do mundo, do conhecimento popular, do conhecimento científico e da própria mídia. (IBID, 2002, p. 3)

Complementando esse elenco de sugestões didáticas acerca do uso do vídeo na sala de aula, Moran entende que se deve:

- a)[...] Começar por vídeos mais simples, mais fáceis e exibir depois vídeos mais complexos e difíceis, tanto do ponto de vista temático quanto técnico
- b) Vídeo como sensibilização. É, do nosso ponto de vista, o uso mais importante na escola. Um bom vídeo é interessantíssimo para introduzir um novo assunto, para despertar a curiosidade, a motivação para novos temas.
- c) Vídeo como ilustração. O vídeo muitas vezes ajuda a mostrar o que se fala em aula, a compor cenários desconhecidos dos alunos.
- d) Vídeo como simulação. É uma ilustração mais sofisticada. O vídeo pode simular experiências de química que seriam perigosas em laboratório ou que exigiriam muito tempo e recursos.
- e) Vídeo como conteúdo de ensino. Vídeo que mostra determinado assunto, de forma direta ou indireta.
- f) Vídeo como produção.
 - Como documentação: registro de eventos, de aulas, de estudos do meio, de experiências, de entrevistas, de depoimentos. Isso facilita o trabalho do professor, dos alunos e dos futuros alunos. (IBID, 1995, p.30)

A utilização de recursos didáticos deve responderas perguntas básicas: O que? Quando? Como? E Porquê? Pois o educado deve ter em mente qual (is) o objetivo (s) que deseja alcançar. Para que isso seja possível, é preciso um planejamento adequado com os propósitos desenvolvidos em sala de aula em cada disciplina específica.

Por outro lado, o professor precisa ter consciência que o vídeo é apenas um meio, uma ferramenta para o seu trabalho e não um fim em si de sua prática educativa. Para obter um resultado eficiente, deve-se antes de tudo dominar o conteúdo a ser exibido, em consonância com o que é trabalhado cotidianamente, este reforçando aquele e vice versa.

Desse modo, o uso desse recurso didático tem sua relevante importância no processo de ensino e aprendizagem, desde que o professor esteja capacitado para utilizar tal ferramenta.

Cabe à escola adequar seu projeto pedagógico à sua realidade, consciente de seus recursos e conhecendo bem a sua clientela, para que possa planejar da melhor maneira o uso dos seus recursos tecnológicos, visando à formação de alunos que possam ser no futuro, sujeitos ativos e produtivos na sociedade em que estarão inseridos, conscientes de suas responsabilidades cidadãs. (SOUZA, 2007)

3. METODOLOGIA

A presente pesquisa foi caracterizada como descritiva e tem como objetivo a descrição das características de determinado fenômeno ou o estabelecimento de relações entre variáveis (GIL, 2012).

A abordagem adotada foi a qualitativa, utilizando-se o método comparativo. A coleta de dados foi realizada através da observação da prática no local, avaliação comparativa dos resultados das provas e questionário fechado enviado aos professores. A análise qualitativa dos dados foi realizada e registrada na conclusão do artigo.

Na busca do aprofundamento sobre o tema, como subsídio de embasamento para o presente trabalho, foi realizada uma pesquisa bibliográfica em artigos no Google acadêmico, tendo como pré requisito de busca, os artigos com maior número de citações e datação a partir do ano dois mil.

Em um segundo momento, foi feita a leitura do Projeto Pedagógico da Escola com a finalidade de investigar se o PP contemplava o planejamento do uso das mídias na sala de aula. Na terceira etapa foi aplicado um questionário fechado aos professores da escola, enviado via *e-mail*, com o objetivo de investigar a frequência e a opinião dos professores sobre o uso do vídeo na sala de aula.

O trabalho prático com os alunos foi realizado através dos seguintes passos: foi trabalhado um tema curricular do trimestre em três períodos, em diferentes dias, através de aulas expositivas e dialogadas, e os alunos receberam duas folhas com o conteúdo impresso. Foi realizada também uma aula de campo sobre o mesmo tema. Em seguida foi aplicada uma prova.

Em um segundo momento, os alunos tiveram uma aula com a projeção de seis vídeos de curta duração sobre o mesmo conteúdo estudado anteriormente e novamente foi aplicada uma prova em dia posterior à aula.

Os vídeos utilizados foram os seguintes: **A importância das Minhocas para um Solo fértil, Aprenda mais sobre Solos, Vídeo Formação do Solo, Conhecendo o Solo, A importância do solo como recurso para uma vida mais sustentável, As minhocas prestam grandes serviços ao solo e à agricultura.** (grifo do autor)

Em uma terceira etapa, foram repetidas as projeções dos vídeos e novamente aplicada outra prova.

As provas foram todas elaboradas sobre o mesmo tema, porém crescendo em complexidade e número de questões. Até o término da terceira e última prova, os alunos não receberam informação sobre as notas das provas.

Na última etapa, as provas foram corrigidas, analisadas e foram comparados os resultados alcançados pelos alunos.

4. RESULTADOS E DISCUSSÕES

Este trabalho foi realizado com a turma do sexto ano, que é composta por dezesseis alunos, sendo cinco meninas e onze meninos, com média de idade de doze anos. As exceções na turma são dois meninos; um de catorze e outro de dezesseis anos. Todos são filhos de pequenos agricultores e residem na comunidade.

A turma se caracteriza por ser muito inquieta agitada e com certa dificuldade de concentração. O professor precisa usar um pouco mais de energia para obter a atenção do grupo. Não chegam a serem desrespeitosos ou indisciplinados, apresentam o comportamento típico de uma turma que tinha apenas um professor e que agora tem que se adaptar a troca de período e de professores, já que cursam o sexto ano do ensino fundamental

Apesar de serem alunos da zona rural, estão bem familiarizados com as tecnologias de comunicação, quase todos possuem celulares, com acesso à Internet e todos têm televisão em casa.

De acordo com os professores da turma, os alunos apresentam dificuldades na aprendizagem e por esse motivo, essa turma foi escolhida para a realização da pesquisa. O tema escolhido para ser trabalhado foi “O Solo”, na disciplina de Técnicas Agrícolas.

O professor trabalhou três períodos, em dois dias diferentes. A primeira aula foi ministrada no dia 31/05 (trinta e um de maio), a segunda aula foi no dia 02/06 (dois de junho), em que também foi realizada uma saída de campo, próxima da escola, para que os alunos visualizassem os conceitos aprendidos em sala de aula.

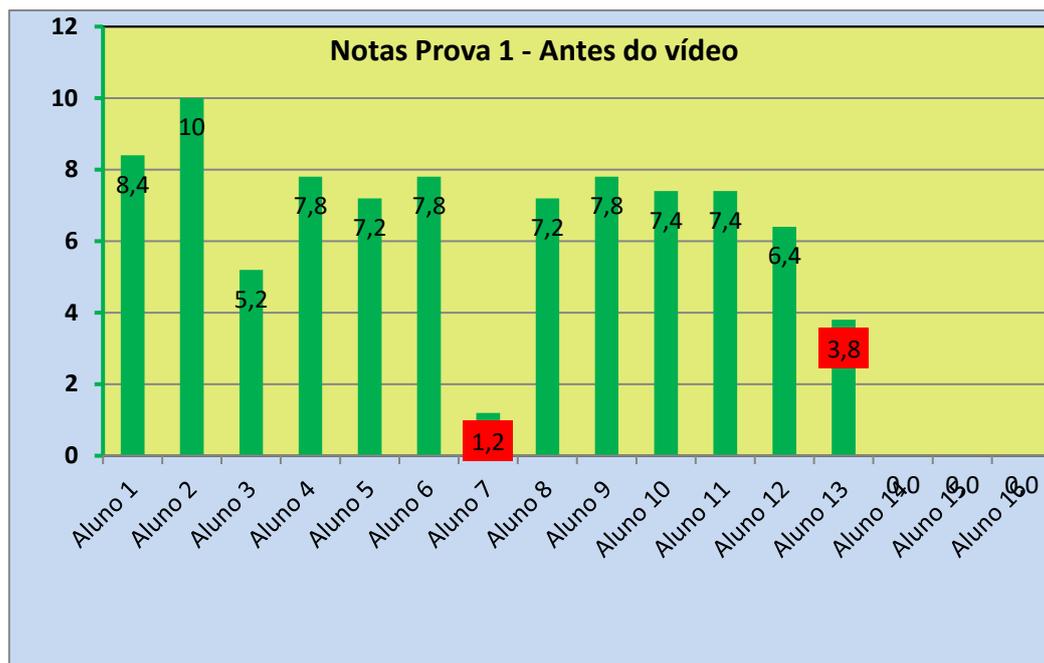
Os alunos receberam o material impresso em duas folhas. Eles não são muito participativos nas aulas teóricas, mas interagem um pouco mais nas aulas de campo. Após a aula de campo, foi marcada uma prova para o dia 07/06 (sete de junho).

A prova foi elaborada de forma bem simples. Consistia de uma questão de marcar as alternativas corretas, com seis alternativas possíveis valendo quatro pontos para a questão certa (que eram três), outra questão de marcar verdadeiro ou falso com três alternativas, valendo três pontos.

A terceira questão consistia na leitura de um pequeno texto como subsídio para resolver um exercício de marcar certo ou errado. Valia três pontos, totalizando dez pontos a prova toda e considerando como médios cinco pontos.

A prova foi elaborada seguindo a seqüência do conteúdo impresso disponibilizado aos alunos. Sua resolução foi muito acessível, sendo que treze alunos realizaram a prova e a média da turma ficou em 6,7 e apenas dois alunos ficaram com notas abaixo da média. Os resultados encontrados neste estudo foram agrupados em gráficos de desempenho dos alunos.

Gráfico 1 - Notas da Prova 1- antes do Vídeo



Fonte: autor

Após essa prova, foi ministrada uma nova aula no dia 14/06 (catorze de junho), sobre o mesmo tema (Solos). Desta vez com a projeção de seis vídeos (Cf.grifo do autor p.19) de curta duração, escolhidos por se adequarem ao conteúdo da disciplina.

O professor explicou sobre o tema de cada vídeo antes da projeção e orientou os alunos para interromperem quando tivessem alguma dúvida sobre o conteúdo do vídeo, pois, iriam realizar uma prova no dia 16/06 (dezesesseis de junho), sobre o conteúdo que seria projetado.

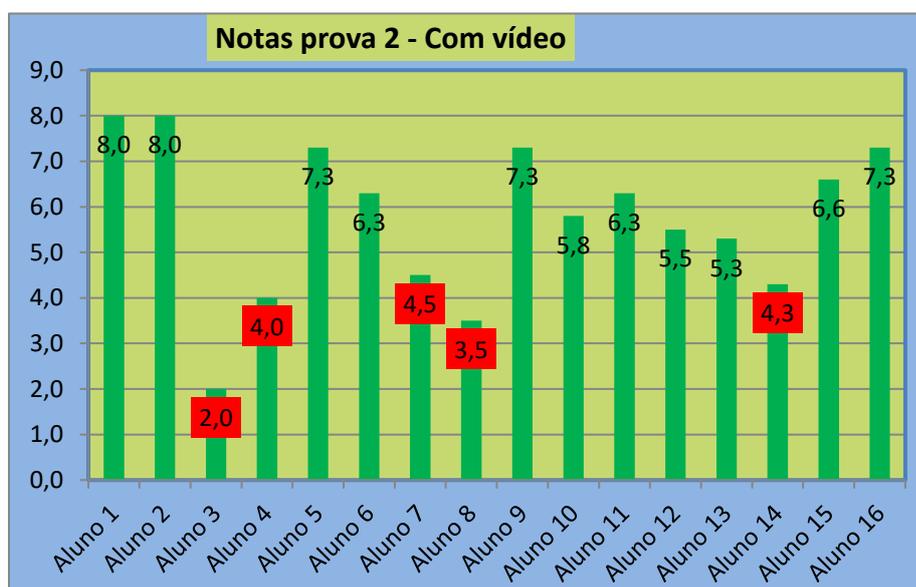
O Equipamento utilizado para a projeção foi um projetor integrado Positivo, com sistema operacional Linux Educacional. Esse material foi cedido à escola pela Secretaria de Educação.

Durante a projeção dos vídeos, a maioria dos alunos prestou atenção e pediram explicação sobre uma palavra que eles não compreendiam o significado e uma ou outra cena, que eles gostariam de visualizar novamente.

Aprova sobre o conteúdo dos vídeos foi elaborada com maior grau de complexidade, sendo que as questões foram todas elaboradas a partir dos conteúdos dos vídeos. Consistia de oito questões objetivas, de múltipla escolha e com pontuação diferenciada para a primeira questão (dois pontos) e as demais valendo um ponto cada uma totalizando dez pontos considerando como média cinco pontos. Nesta prova compareceram os dezesseis alunos, a média ficou em 5,8 e cinco estudantes ficaram com

notas abaixo da média. O Gráfico 2 mostra os resultados da prova feita depois da visualização do vídeo.

Gráfico 2 - Notas da Prova 2 - depois do Vídeo

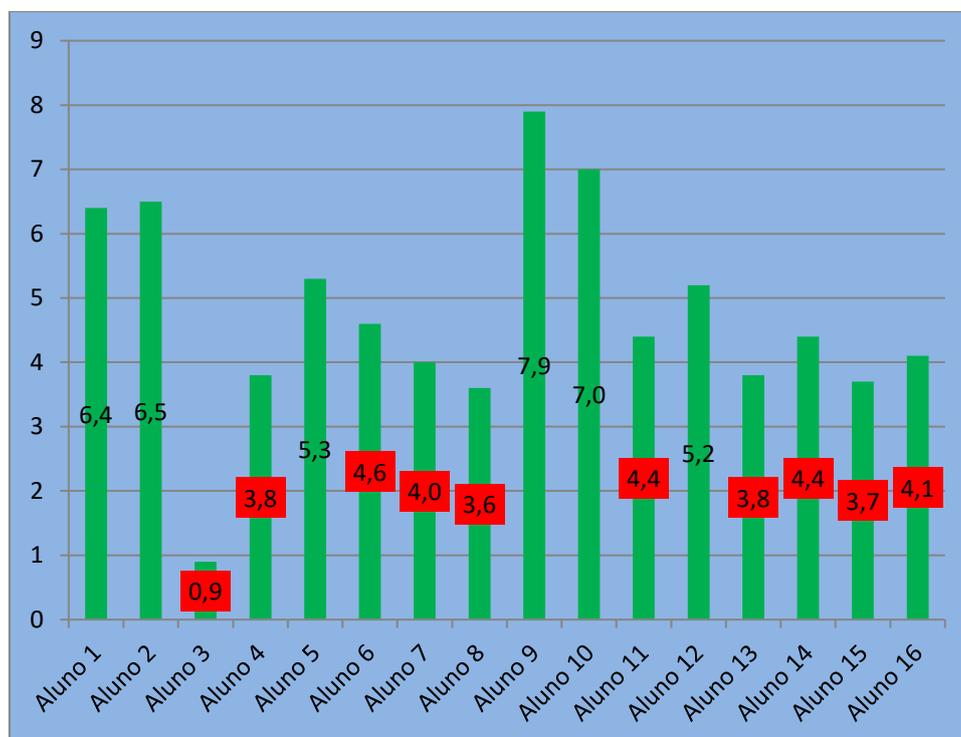


Fonte: autor

No dia 19/06 (dezenove de junho), foram projetados novamente os vídeos sobre solos para os alunos, desta vez, porém, de forma rápida e reduzida, pois os alunos afirmavam que já tinham apreendido sobre o conteúdo. Mesmo assim, o professor comentou sobre os temas dos vídeos e explicou que iriam realizar um terceiro trabalho avaliativo no dia 22/06 (vinte e dois de junho).

Este trabalho consistiu de dez questões objetivas. Cada questão com peso específico, totalizando dez pontos e a média, cinco. Reuniu questões que já tinham sido aplicadas nas duas provas anteriores. Diferente das outras provas elaboradas em duas páginas, estas teriam três páginas e, portanto seria um pouco mais complexa a sua resolução. A média nessa prova ficou em 4,7, dez alunos ficaram com notas abaixo da média e compareceram os dezesseis. Ver no Gráfico 3.

Gráfico 3 - Notas da Prova 3 - com Vídeo



Fonte: autor

O uso do vídeo na disciplina de Técnicas Agrícola possibilitou ao professor uma reflexão acurada sobre como trabalhar com esse recurso na sala de aula. Pode verificar, por exemplo, que os alunos não tiveram uma percepção clara do vídeo como ferramenta de aprendizagem.

Predomina na visão dos alunos, que o conteúdo de aprendizagem é aquele que está nos livros e é copiado nos cadernos.

Nesse sentido, despertou a atenção neste trabalho realizado na Escola de Assentamento Roseli, algumas respostas obtidas através do questionário fechado aplicado aos professores. Este questionário foi enviado e recebido via *e-mail*.

O questionário tinha como objetivo verificar se os professores utilizavam vídeo na sala de aula. Com que frequência isso acontecia, se o vídeo contribuía para a aprendizagem dos alunos e se havia um planejamento para o uso das mídias disponíveis na escola, previsto no PP. As respostas foram agrupadas na Tabela 1.

Tabela 1 – Resultados do questionário

Entrevistados	Ano/série	Questão 3	Questão 7	Questão 8
01	Anos finais	Uma vez por mês	Muito significativa	Sim
02	Anos finais	Uma vez por mês	Significativa	Sim
03	Educação Infantil	Duas vezes por semana	Muito significativa	Sim
04	Anos iniciais	Duas vezes por semana	Muito significativa	Sim
05	Anos Iniciais	Uma vez por mês	Significativa	Sim
06		Uma vez por mês	Muito Significativa	Sim

Fonte: autor

Pelo que se pode perceber nas respostas obtidas, todos os professores utilizam o vídeo em sala de aula. No entanto as professoras dos anos iniciais usam com mais frequência do que os professores dos anos finais. Analisando as respostas obtidas, pode se considerar que o vídeo é um recurso muito utilizado pelos professores dos anos iniciais e de forma mais espaçada pelos professores dos anos finais.

Um dos motivos que o uso do vídeo é mais freqüente nos anos iniciais, talvez se deva ao fato de que os alunos nessa etapa, são mais sensíveis ao novo, pois estão em fase de adaptação, de descoberta do lúdico. Por outro lado, nessa fase os professores são mais cuidadosos em relação à saúde dos alunos, considerando as características do clima, de inverno úmido e de baixas temperaturas. Além disso, na escola do campo, há que se ter atenção redobrada com a possibilidade de eventuais acidentes com animais peçonhentos, característicos do ambiente rural.

Nos anos finais, o uso do vídeo é utilizado de forma mais esporádica. Nessa etapa do ensino, o professor tem todo um currículo com conteúdos que precisa ministrar aos alunos ao longo do ano. Desse modo, a projeção de vídeos seria como tirar um espaço de tempo, que poderia se utilizar com o conteúdo previsto, cumprindo assim com a grade curricular oficial.

Desse modo, o vídeo é utilizado apenas como ilustrativo de um determinado tema e não como conteúdo em si. Vale dizer que a educação do campo, além das dificuldades intrínsecas ao processo de aprendizagem dos alunos, enfrenta obstáculos

climáticos, que interferem diretamente no desenvolvimento dos conteúdos a serem aprendidos.

Um desses obstáculos são as chuvas freqüentes, principalmente no inverno, que causam a destruição das estradas de acesso à escola e por conseqüência, os alunos chegam a ficar semanas sem aulas, prejudicando todo o planejamento dos professores.

Por outro lado, o vídeo apresenta grande potencialidade para ser utilizado na sala de aula. No entanto, o planejamento para seu uso precisa ser repensado. O vídeo deve ser visto também como portador de conteúdo, sem necessariamente precisar constar como material individual do aluno, assim como o conteúdo escrito. Para isso a escola precisa refletir sobre o uso de suas mídias, de acordo com a sua realidade. O vídeo tem potencialidades de preencher espaços importantes na aprendizagem do aluno, despertando a curiosidade científica e a cidadania.

As provas foram identificadas no trabalho como prova um sem a utilização de vídeos, e dois e três, com a utilização de vídeos. As três provas trataram do mesmo tema curricular e a dois e a três tiveram um grau crescente de dificuldade de resolução em relação à prova de controle e esse é um ponto importante para a discussão das potencialidades do vídeo com recurso de aprendizagem na sala de aula.

Na prova, treze dos dezesseis alunos realizaram a prova e apenas dois não atingiram a média, na prova 2 os dezesseis alunos da turma realizaram a prova, sendo que cinco alunos não atingiram a média, já na prova 3, todos os alunos realizaram a prova e dez não atingiram a média.

Os resultados encontrados neste estudo sugerem que os alunos não conseguiram perceber os vídeos⁹(Cf.nota de rodapé 9) como um recurso de aprendizagem, assim como o livro e caderno e ações como copiar do quadro, fazer resumos entre outras atividades do cotidiano de sala de aula.

Desse modo, o vídeo foi encarado apenas como uma variação na forma de tratar um determinado tema e não atividade que pudesse fazer parte do cotidiano da sala de aula para auxiliar na aprendizagem de um determinado conteúdo.

Essa percepção por parte dos alunos leva a pensar que a experiência com vídeos mais freqüente nos anos iniciais conforme mostra a Tabela 1, precisa ser repensada pelos educadores.

⁹ O conteúdo do vídeo também foi disponibilizado por escrito para os alunos.

Além disso, têm-se as dificuldades estruturais e administrativas da escola do campo, como as questões climáticas que impedem muitas vezes o acesso à escola, pelas más condições das vias de acesso. Mais a estrutura deficitária das instalações e da própria rede elétrica, a falta de equipamentos e a falta de capacitação do professor para trabalhar com as mídias. Somado a tudo isso professor ainda tem que cumprir o currículo. Portanto, é preciso considerar todos esses fatores no planejamento das atividades escolares durante o ano letivo.

Por outro lado, a escolha do vídeo deve ser criteriosa, para que o aluno perceba neste recurso um conteúdo curricular e não algo extraordinário ou fora do contexto trabalhado em sala de aula.

6. CONCLUSÃO

Ao longo deste trabalho foi possível constatar que a totalidade dos professores entrevistados utiliza com frequência o vídeo na sala de aula e considera que essa mídia pode auxiliar a aprendizagem. Foi perceptível também o fato, que os professores não possuem uma qualificação específica no uso das tecnologias no processo de ensino aprendizagem.

O resultado obtido com as notas dos alunos, na experiência com vídeo, revela que nem sempre o uso freqüente atinge bons resultados no processo de aprendizagem.

Constatou-se também que os alunos não têm uma cultura do vídeo como ferramenta de aprendizagem, mas sim como meio de evitar o trabalho de copiar conteúdo, ou mesmo da leitura de textos. O aumento da complexidade da prova dois para a prova três subsidia a afirmativa acima.

Por outro lado, a revisão bibliográfica em consonância com a prática realizada neste trabalho, permite afirmar que há a necessidade de refletir-se sobre o planejamento do uso do vídeo na sala de aula, considerando condições estruturais e pedagógicas da escola do campo.

Isso pode acontecer já a partir da revisão do Planejamento Pedagógico (PP) da escola. O Planejamento Pedagógico pode prever na sua elaboração, a qualificação dos professores no uso das tecnologias, através da participação em cursos e seminários que promovam o uso do vídeo na sala de aula do campo.

Nesse sentido, em curto prazo, os professores da rede municipal de ensino de Santana do Livramento com especialização em Mídias na Educação poderiam colaborar como orientadores nesse processo.

REFERÊNCIAS

ARROIO, A.; GIORDAN, M. **O vídeo educativo: aspectos da organização do ensino.** Química nova na escola, v. 24, n. 1, p. 8-11, 2006. Disponível em: <http://www.lapeq.fe.usp.br/meqvt/disciplina/biblioteca/artigos/arroio_giordan.pdf> Acesso em: 16. mai.2017

BIOHACK.A importância das Minhocas para um Solo fértil... **Youtube** Disponível em <<https://www.youtube.com/watch?v=3U2Z1d5b1lg>> Acesso em : 18.maio.2017

CINELLI, N. P. F. **A influência do vídeo no processo de aprendizagem.** 2003. Disponível em: <<https://repositorio.ufsc.br/bitstream/handle/123456789/85870/192679.pdf?sequence=1>> Acesso em: 18. mai.2017

CHIZZOTTI, A. **Pesquisa em ciências humanas e sociais.** 2. ed. São Paulo:Cortez, 1998.

DALLACOSTA, A.et al. **O vídeo digital e a educação.** In: BrazilianSymposiumonComputers in Education (Simpósio Brasileiro de Informática na Educação-SBIE). 2004. p. 419-428. Disponível em: <<http://br-ie.org/pub/index.php/sbie/article/view/343>> Acesso em: 18. mai.2017

DE ALMEIDA, M. E. B. **Tecnologia na escola: criação de redes de conhecimentos.** 2005. Disponível em: <<https://scholar.google.com.br/citations?user=Oj1iEoMAAAAJ&hl=pt-BR&oi=sra>> Acesso em: 24. mai.2017

DE SOUZA, S. E.; DE GODOY DALCOLLE, G. A. V. **O uso de recursos didáticos no ensino escolar.** 2007. Disponível em: <<http://www.dma.ufv.br/downloads/MAT%20103/2015-II/slides/Rec%20Didaticos%20-%20MAT%20103%20-%202015-II.pdf>> Acesso em: 18. mai.2017

EMBRAPA.Aprenda mais sobre Solos.**Youtube** Disponível em <https://www.youtube.com/watch?v=IBRFa_cMfG8> Acesso em : 18.maio.2017

G1.Educação. Disponível em <<http://especiais.g1.globo.com/educacao/2015/censo-escolar-2014/a-escola-acessivel-ou-nao.html>> Acesso em: 09. jul.2017

GIL, A. C. **Métodos e técnicas de pesquisa social.** São Paulo: Atlas, 2012.

GOMES, J. F. **A tecnologia em sala de aula.** 2014. Disponível em:<<http://ler.letras.up.pt/uploads/ficheiros/13290.pdf>> Acesso em: 11. mai.2017.

GUIMARÃES, Cleidson Carneiro. **Experimentação no ensino de química:** caminhos e descaminhos rumo à aprendizagem significativa. Química Nova na Escola, v. 31, n. 3, p. 198-202, 2009. Disponível em<http://qnesc.sbq.org.br/online/qnesc31_3/08-RSA-4107.pdf>Acesso em: 09. jul.2017

Internet no Campo. Disponível em:<<http://www.agronovas.com.br/internet-no-campo/>>Acesso em: 25. jun.2017

SOUTO, Ilana. Vídeo Formação do Solo. **Youtube** .Disponível em <<https://www.youtube.com/watch?v=NEil7tiGltw>> Acesso em: 09. jul.2017

LIMA, Marcelo. Conhecendo o Solo - Nova versão. **Youtube** Disponível em<<https://www.youtube.com/watch?v=E-xUoRqi7eQ>> Acesso em : 18.mai.2017

Manual de Dissertações e Teses da UFSM: Estrutura e Apresentação - 2015. Disponível em<http://w3.ufsm.br/biblioteca/phocadownload/Manual_de_Dissertacoes_e_Teses-2015.pdf>Acesso em: 16. mai.2017

MANDARINO, M. C. F. **Organizando o trabalho com vídeo em sala de aula.** Revista Morpheus-Estudos Interdisciplinares em Memória Social, v. 1, n. 1, 2002. Disponível em: <<http://www.seer.unirio.br/index.php/morpheus/article/view/4014>> Acesso em: 16. mai.2017

MORÁN, J. M. **O vídeo na sala de aula.** Comunicação & Educação, n. 2, p. 27-35, 1995. Disponível em: <<http://www.revistas.usp.br/comueduc/article/view/36131>> Acesso em: 29. mai.2017

MOREIRA, A. F. B.; KRAMER, S. **Contemporaneidade, educação e tecnologia.** Educação & Sociedade, v. 28, n. 100, p. 1037-1057, 2007. Disponível em: <<http://s3.amazonaws.com/academia.edu.documents/46291345/87313704019.pdf?>> Acesso em: 24. mai.2017

MOREIRA, Marco Antonio. **O que é afinal aprendizagem significativa?** Disponível em <<http://moreira.if.ufrgs.br/oqueefinal.pdf>> Acesso em: 19. jun.2017

NUNES. M. de J. **O professor e as novas tecnologias:** pontuando dificuldades e apontando contribuições. 2009. Universidade do Estado da Bahia – UNEB. Salvador. Disponível em: <<http://www.uneb.br/salvador/dedc/files/2011/05/Monografia-MILENA-DE-JESUS-NUNES.pdf>>Acesso em: 19. jun.2017

PlantNutritionInst. A importância do solo como recurso para uma vida mais sustentável. **Youtube** .Disponível em <<https://www.youtube.com/watch?v=9NqgxdoJwV0>> Acesso em : 18.mai.2017

PRENSKY, M. **O papel da tecnologia no ensino e na sala de aula.** CONJECTURA: filosofia e educação, v. 15, n. 2, 2010. Disponível em: <<http://www.ucs.br/etc/revistas/index.php/conjectura/article/viewFile/335/289>> Acesso em: 19. mai.2017.

PONTE, J.P.da. **As TIC no início da escolaridade:** Perspectivas para a formação inicial de professores. A formação para a integração das TIC na educação pré-escolar e no 1.º ciclo do ensino básico, p. 19-26, 2002. Disponível em: <<http://repositorio.ul.pt/bitstream/10451/4202/1/02-Ponte%20%28TIC-INAPOP%29.pdf>> Acesso em: 24. mai.2017.

SOUTO, Ilana. Vídeo Formação do Solo. **Youtube** .Disponível em <<https://www.youtube.com/watch?v=NEil7tiGltw>> Acesso em: 09. jul.2017

TV CULTURA DIGITAL. As minhocas prestam grandes serviços ao solo e à agricultura. **Youtube** Disponível em <<https://www.youtube.com/watch?v=ouA-27PrL54>> Acesso em : 18.maio.2017

VALENTE, J.A. **Pesquisa, comunicação e aprendizagem com o computador.**2005. Disponível em: <http://cmapspublic.ihmc.us/rid=1HXFXQKSB-23XMNVQ-M9/VALENTE_2005.pdf> Acesso em: 14. mai.2017

VARGAS, A.; DA ROCHA, H. V.; FREIRE, F. M. P. **Promídia: produção de vídeos digitais no contexto educacional.** RENOTE, v. 5, n. 2, 2007. Disponível em: <<http://www.seer.ufrgs.br/renote/article/view/14199>> Acesso em: 16. mai.2017